



DISCIPLINA ALTERNATIVA

Disciplina eletiva dos cursos de graduação da FGV em São Paulo traz uma proposta inovadora de formação, com olhar voltado à sustentabilidade

Em 15 de fevereiro último, teve início mais uma edição da disciplina eletiva FIS (Formação Integrada para a Sustentabilidade). Apesar de ser apenas a terceira vez que é oferecida, o barulho provocado por ela já é grande. Destinada aos alunos dos cursos de graduação da FGV-EAESP e também aos graduandos das escolas de Direito e Economia da FGV em São Paulo, a disciplina adota um formato inovador, inédito no ensino em Administração.

Na disciplina FIS, ao contrário do que ocorre nas disciplinas com formato tradicional, o curso não é ministrado apenas por um professor. Em vez dele, há diferentes colaboradores e palestrantes, tanto da FGV como externos, já que a intenção é criar um ambiente propício ao aprendizado transdisciplinar. Nessa espiral, são figuras importantes o professor Mário Monzoni, principal responsável pela disciplina, e a pesquisadora da FGV Erica Galucci. “A cada aula, nós temos pelo menos quatro professores. Isso é muito bom, porque cada um traz visões e estilos diferentes, cada um dá uma cutucada diferente, tornando o debate mais rico”, explica a estudante Priscilla Lima, do curso de Administração Pública.

Outro contraste com as matérias tradicionais é que as turmas não são preenchidas simplesmente pela ordem de matrículas, mas decididas por um processo seletivo, que pode ou não chamar todos os interessados. O número de participantes também pode variar: na terceira edição, por exemplo, a turma aumentou um pouco, passando de 18 para 20 estudantes.

DESAFIO. A disciplina FIS tem uma dinâmica baseada em encontros, discussões, trabalho de campo e muita ação. Os estudantes recebem um desafio concreto, a ser resolvido no decorrer do curso. Embora nas primeiras sessões sejam levados à classe diferentes especialistas, para falar de sustentabilidade e de temas relacionados ao desafio recebido, a maior parte do aprendizado não ocorre ali, como aconteceria em um curso com formato mais tradicional.

“A situação está aqui, não em Marte”, contextualizou Monzoni, ao distribuir aos participantes dessa terceira edição um papel dobrado, semelhante a um mapa de tesouro, contendo o problema a ser equacionado: “O desafio neste semestre é elaborar uma proposta de valor e um modelo de negócio de inclusão financeira para a população de baixa renda no Brasil”.





A resposta já tinha data marcada para ser apresentada: 29 de junho. E ela seria mostrada não só à coordenação da disciplina, mas também a representantes de quatro empresas, potencialmente interessadas em investir no projeto: Banco Itaú, Banco Santander, Banco do Nordeste do Brasil e Natura. Os rostos dos alunos não demonstraram nenhum grande alívio ou contentamento: ao contrário, ficaram apreensivos com a missão recebida. Mas isso também faz parte do aprendizado.

MÉTODO DE ENSINO. A aplicação da chamada Teoria U, um referencial proposto por Otto Scharmer, professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT), e crescentemente utilizado em políticas e projetos na área socioambiental, fornece o principal pilar metodológico da disciplina. A teoria propõe que as soluções para desafios novos e complexos já estão dentro dos indivíduos, desde que se criem condições propícias para que elas sejam reconhecidas e postas em prática. Para tanto, três atitudes básicas são necessárias: **presenciar** e **sentir** a realidade, suspendendo julgamentos ou opiniões presos a paradigmas prévios, e, com base nisso, **concretizar** ações que sejam efetivamente voltadas ao futuro, isto é, que não reproduzam modelos já utilizados.

Isso permite aos participantes da disciplina interagir com a realidade social de maneira mais profunda, abrindo-se para questões novas, algo que seria mais difícil, senão impossível, de ser conseguido com a tradicional combinação professor-giz-quadro-negro. A chave é abrir o coração e a mente dos participantes a novas situações, e enxergá-las não mais com base em sua própria visão de mundo, mas também a partir da percepção do outro.

A aplicação dessa metodologia, na disciplina FIS, dá-se por meio de visitas de campo a localidades díspares, mas com problemas comuns. Nessa terceira edição da disciplina, a turma visitou o Jardim Maria Sampaio, bairro periférico e de baixa renda na Zona Sul de São Paulo, onde pôde conhecer o funcionamento de um banco comunitário, e, em seguida, foi ao município vizinho de Santo André, a fim de acompanhar de perto operações de microcrédito. A imersão total, porém,

deu-se com uma viagem de campo de oito dias ao estado do Ceará. Interagindo com habitantes e instituições de crédito, na capital, Fortaleza, e também nas localidades de Caucaia e Ubajara, os alunos puderam voltar com uma impressão mais clara do que deveria ser apresentado ao final da disciplina.

PROPOSTA DE VALOR. Mas o que foi visto pelos estudantes dessa terceira edição da disciplina? Como equacionaram o desafio? Em suma, eles compreenderam claramente que o despreparo para entender e utilizar corretamente serviços financeiros é um dos principais problemas que costumam adiar, ou mesmo impedir, os sonhos e projetos de muitos brasileiros, sobretudo os mais necessitados. A conclusão a que eles chegaram foi a de que é necessário criar, com urgência, mecanismos que garantam a educação financeira da população brasileira menos favorecida. “Identificamos um dos gargalos da inclusão financeira no Brasil, e resolvemos focar a nossa proposta nele”, disse Naila Cabaleiro, estudante de Administração Pública.

A metodologia FIS propõe que alunos se desloquem pelo país com o objetivo de encontrar soluções transformadoras para as comunidades

O principal problema identificado pelos jovens pesquisadores é o alto endividamento das famílias. Diante do crescente acesso a serviços financeiros, a falta de uma capacitação adequada para utilizá-los pode acabar piorando, ao invés de melhorar, a situação financeira das pessoas e sua qualidade de vida. A educação financeira, portanto, deve ser vista como peça indispensável de uma verdadeira emancipação dos recém-incluídos no sistema financeiro, pois as consequências de um mau planejamento podem ser irreversíveis.

Um exemplo que foi destacado na apresentação dos alunos está relacionado ao uso de cartões de crédito: a maior parte das pessoas não lida com esse meio de pagamento da mesma forma

que se relaciona com dinheiro em espécie, ou seja, não tem a percepção de “saída” de dinheiro quando usa o cartão e não tem uma compreensão clara de quanto está efetivamente gastando. Ensinar esses indivíduos a orçar, investir e poupar não é uma tarefa simples, e deve receber mais atenção.

Dessa forma, os estudantes focaram suas energias em propor um projeto voltado à educação financeira de pessoas das classes D e C, que, nos últimos anos, passaram a ter acesso mais fácil a serviços financeiros, sobretudo de crédito. O resultado foi o Tiédi – Educação Financeira para Jovens e Adultos, uma metodologia voltada à implantação de um programa de formação baseado em oficinas e jogos, cujo nome foi inspirado na expressão “posso te *add?*”, emprestada da linguagem usada nas redes sociais. Por trás do nome, está a ideia de inclusão e de emancipação por meio do pertencimento a um grupo. Trata-se de permitir às pessoas ingressar no grupo dos que têm ferramentas adequadas para prosperar e realizar seus sonhos, sabendo utilizar as facilidades do sistema financeiro.

BENEFÍCIOS. Os que forem atendidos com a proposta dessa última turma poderão ter ganhos relacionados à diminuição da inadimplência, ao estímulo ao empreendedorismo, aprimoramento no uso do crédito e melhor uso dos recursos financeiros. Esses ganhos somam-se aos das duas edições passadas da disciplina, que contribuíram para uma discussão crítica dos impactos ambientais da usina de Belo Monte, no norte do país, e para as estratégias de subsistência de comunidades de baixa renda no Vale do Ribeira (SP) e no nordeste do Pará (ver box).

Porém, os ganhos são de mão dupla, e os próprios graduandos também vêm se beneficiando com a participação nessa disciplina, que fornece a chance de se colocarem diante de novas realidades. Natalia Jung, aluna de Administração de Empresas, nem hesita: “O FIS não é mais uma disciplina do currículo. É super diferente. Acaba sendo uma forma de adquirir conhecimento sobre nós mesmos, uma experiência que eu nunca viveria”. ■



INSTITUÍDA NA EAESP NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2010 E OFERECIDA SEMESTRALMENTE, A DISCIPLINA FIS ESTÁ COMPLETANDO UM ANO E MEIO DE HISTÓRIA. VEJA ABAIXO QUAIS FORAM OS DESAFIOS ENFRENTADOS E AS PROPOSTAS APRESENTADAS PELOS ALUNOS NAS DUAS PRIMEIRAS EDIÇÕES.

1ª edição – fevereiro a junho de 2010

Tendo como parceiros os bancos Itaú e Santander, a primeira turma da disciplina FIS recebeu um desafio bastante delicado: responder a essas instituições se elas deveriam ou não fornecer financiamentos vinculados ao Aproveitamento Hidrelétrico de Belo Monte (AHE), no norte do país.

Após viagem de estudos a Altamira (PA), Porto Velho (RO) e São Jorge (GO), a resposta dos estudantes foi desaconselhar os investimentos. Os alunos avaliaram que isso poderia contradizer os Princípios do Equador, um conjunto de diretrizes socioambientais para instituições financeiras. Investir recursos nesse projeto, que, para os estudantes, trará mais problemas do que ganhos duráveis, pode gerar destruição de valor para os acionistas no longo prazo, colocando em risco a reputação e marca dessas instituições.

2ª edição – agosto a novembro de 2010

Dessa vez, as empresas parceiras foram Itaú, Santander e Natura, e o desafio apresentado aos alunos consistiu em propor formas de aumentar a sustentabilidade do cultivo de palmito e oleaginosas nas regiões do Vale do Ribeira (SP) e nordeste do Pará. Os alunos deslocaram-se a Guapivuru, no Vale do Ribeira, e também visitaram nove municípios paraenses; ao final do semestre, apresentaram aos patrocinadores um documento detalhado, com diretrizes para orientar atividades de pesquisa e desenvolvimento e também sugestões para o relacionamento entre empresas e comunidades locais, a ação das ONGs e as atividades de capacitação e empoderamento da população.